



Baixo crescimento: um problema crônico do Brasil

Marcos Mendes
Janeiro 2020

Insper

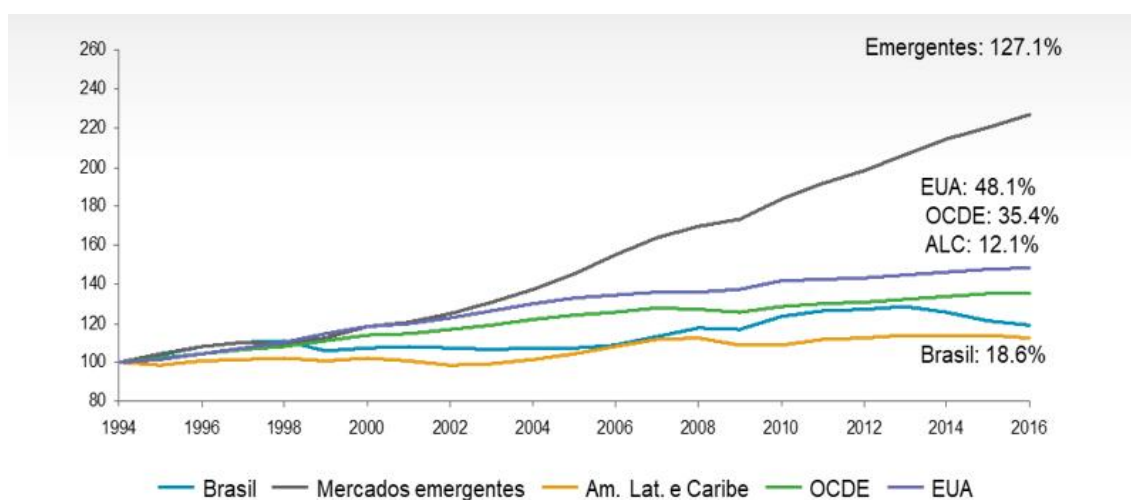
Baixo crescimento: um problema crônico do Brasil

Marcos Mendes

Há grande impaciência da sociedade brasileira com o desempenho da economia nos últimos anos. A expectativa de uma retomada vigorosa tem se frustrado sucessivas vezes desde 2016. Ocorre que baixo crescimento econômico não é uma novidade para o Brasil. O país cresce pouco há quatro décadas. Não estamos diante de uma simples questão cíclica ou conjuntural. O problema é mais grave e perene.

A Figura 1 mostra que, de 1994 a 2016, o PIB por pessoa empregada cresceu apenas 18,6%. Aumentou a nossa distância em relação aos EUA e aos países da OCDE, que cresceram respectivamente 48,1% e 35,4%.

Figura 1 – PIB por pessoa empregada (1994 =100)

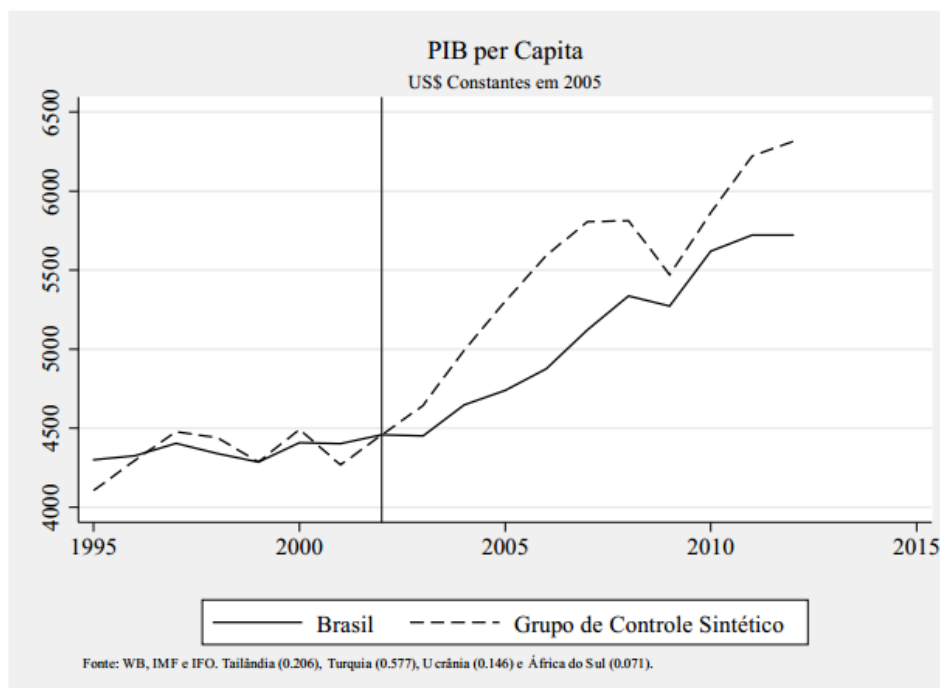


Fonte: Total Economy Database – The Conferency Board.
Elaborado pela Oliver Wyman

Mesmo a partir de 2003, quando se iniciou um *boom* de *commodities* que elevou um pouco o nosso crescimento, crescemos menos que economias comparáveis ao Brasil. Carrasco, de Mello e Duarte (2015), utilizando a técnica estatística de “controle sintético”, selecionaram um conjunto de países cujo desempenho econômico anterior

a 2003 era o mais semelhante possível ao do Brasil. Comparando a trajetória do PIB per capita brasileiro com a média ponderada daqueles países (que vêm a ser Turquia, Tailândia, Ucrânia e África do Sul), o nosso desempenho em todo período posterior a 2003 é claramente inferior. Ou seja, mesmo no nosso “melhor período recente”, ficamos para trás em relação ao que poderíamos ter atingido.

Figura 2 - Taxa de crescimento anual do PIB per capita: Brasil vs. Grupo de Controle Sintético (1995-2014)



Fonte: Carrasco, de Mello e Duarte (2015)

Nosso baixo crescimento decorre de instituições que criamos ao longo da história recente, que levaram a: desequilíbrio fiscal crônico nos três níveis de governo, carga tributária alta e geradora de distorções na economia, baixa eficiência na gestão pública, economia fechada ao comércio exterior, legislação trabalhista rígida e anacrônica, baixa qualidade da educação, falta de foco das políticas sociais nas famílias mais pobres, insegurança jurídica e regulatória, infraestrutura deficiente, baixo desenvolvimento do mercado privado de crédito e de capitais (Mendes, 2014).

O que estamos vivendo desde 2010 é um agravamento da nossa incapacidade de crescer, causado por erros de política econômica, que serão comentados em outro texto, a ser publicado adiante.

A Figura 3 apresenta em maior detalhe o baixo desempenho do Brasil. Ela mostra o crescimento do PIB per capita de várias regiões e países nos últimos 38 anos. O desejável é que países de renda média e baixa tenham crescimento da renda per capita a um ritmo mais rápido que o dos países mais desenvolvidos. Se isso ocorrer, a diferença entre os dois grupos estará diminuindo, e os mais pobres estarão convergindo para o padrão de vida dos mais ricos.

De fato, a Figura 3 mostra que o conjunto de países de renda baixa e de renda média cresceu 2,63% ao ano. Mais rápido que os 1,63% ao ano dos países da OCDE, que são majoritariamente de alta renda.

O Brasil, no entanto, cresceu 0,78% ao ano: menos que a média da OCDE. Em vez de diminuir, nossa distância em relação aos mais ricos se alargou. Se tivéssemos apenas acompanhado o ritmo de crescimento dos países da OCDE no período 1981-2018 (ou seja, mantendo constante a nossa pobreza em relação à OCDE), o PIB per capita brasileiro de 2018 seria 37,4% maior.

O Brasil cresceu menos até do que a média da América Latina e Caribe.

Figura 3 - Taxa de crescimento anual do PIB per capita: 1981-2018

País	1981-2018	1981-1990	1991-2000	2001-2010	2011-2014	2015-2018
China	8,55	7,77	9,28	9,93	7,59	6,20
Coreia do Sul	5,41	8,65	6,06	3,89	2,44	2,42
Índia	4,33	3,25	3,61	5,10	4,85	6,43
Irlanda	4,15	3,36	6,20	1,07	2,96	9,86
Botswana	3,67	7,02	2,38	2,24	5,18	0,55
Turquia	3,03	3,15	2,07	2,76	5,64	3,16
Renda média superior	3,00	1,31	1,89	5,16	4,28	3,29
Chile	2,94	1,56	4,77	3,15	3,27	0,97
Etiópia	2,71	-0,81	-0,28	5,74	7,11	6,14
Renda média e baixa	2,58	1,10	1,41	4,52	3,79	3,10
Colômbia	1,81	1,30	0,89	2,69	4,15	0,86
Peru	1,64	-2,95	2,10	4,64	4,24	1,86
Membros da OCDE	1,63	2,36	1,90	0,89	1,05	1,58
América Latina e Caribe	0,88	-0,50	1,39	1,92	1,62	-0,27
Brasil	0,78	-0,36	1,00	2,54	1,45	-1,97
Argentina	0,78	-2,25	2,89	2,63	0,08	-0,84
México	0,73	-0,23	1,80	0,06	1,50	1,36
África do Sul	0,29	-1,00	-0,18	2,15	0,86	-0,50

Fonte: World Bank Database

Quebrando essas quatro décadas em períodos menores, há interessantes variações de comportamento. Entre 1981 e 1990, a chamada “década perdida”, a renda per capita do Brasil caiu, aumentando nossa distância em relação à OCDE e ao resto do mundo.

A crise da dívida externa e a hiperinflação dragaram capacidade de crescimento não apenas do Brasil, mas também de vários países da América Latina e Caribe.

De 1991 a 2000, mais uma vez tivemos desempenho pior que o da OCDE, e também inferior à média da América Latina e Caribe. Estávamos envolvidos nas seguidas tentativas de estabilização da inflação, ajuste fiscal, com uma crise bancária e uma crise das dívidas estaduais. Foi basicamente um período de ajuste, que cobrou seu preço em termos de baixo crescimento. Diversos avanços institucionais ocorreram nesse período, como a Lei de Responsabilidade Fiscal e o regime de metas de inflação.

Entre 2001 e 2010, pela primeira vez, dentro do período analisado, conseguimos crescer mais que a OCDE e a média da América Latina e Caribe. Os países desenvolvidos sofreram o impacto da crise financeira de 2008. O Brasil, por sua vez, gozava um duplo bônus: o ajuste macroeconômico empreendido na década anterior, que se manteve até 2005, somado a um período positivo no mercado internacional de *commodities*. Isso nos permitiu, pela primeira vez no período analisado, ter crescimento do PIB per capita acima de 2,5% ao ano. O que ainda é muito baixo.

No quadriênio 2011-2014, voltamos a crescer abaixo da média da América Latina e Caribe, e a nossa vantagem em relação ao crescimento da OCDE diminuiu. O país já começava a sentir o peso de um amplo conjunto de equívocos na política econômica: desequilíbrio fiscal, intervenções inadequadas no sistema de preços, nas decisões privadas de investimento e na regulação.

No período final, de 2015 a 2018, continua a tendência de deterioração do período anterior. O Brasil tem o pior desempenho de todo o conjunto de países e regiões contidos na Figura 3. Ao mesmo tempo em que os erros de política econômica do período 2005-2015 se fizeram sentir na plenitude, os problemas estruturais que emperram nosso crescimento há quatro décadas chegaram ao ápice. Em especial, o desequilíbrio fiscal se tornou muito forte, a dívida pública disparou, o sistema tributário tornou-se disfuncional.

Obter taxas mais elevadas de crescimento, por um período prolongado, requer inevitáveis ajustes e reformas econômicas. A busca de atalhos vai perpetuar o nosso mau desempenho, caracterizado por voos de galinha seguidos de recessões.